

Os testemunhos portugueses do *Livro de José de Arimatéia* e o seu lugar na tradição da *Estoire del Saint Graal*: colação de exemplos

SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO
Universidade de São Paulo
Brasil

I. INTRODUÇÃO

Dentro do universo que compõe a Matéria de Bretanha, os estudos sobre o *Livro de José de Arimatéia* têm avançado muito desde que foi publicada a edição integral da obra, há pouco mais de quatro décadas¹. Em anos recentes, novos dados e novas hipóteses apontam para a necessidade de uma reflexão sobre *stemma codicum* da obra. Seguindo as discussões atuais sobre a genealogia do texto², o presente estudo traz a exame alguns exemplos do cotejo entre os testemunhos portugueses da obra e a edição de 1516 da *Estoire del Saint Graal*.

O *Livro de José de Arimatéia* conserva-se integralmente em um único testemunho, o ms. da Livraria 643, produzido por volta de 1543 e conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Há alguns anos, a Profa. Aida Fernanda Dias, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, comunicou o achado do fragmento português de um testemunho manuscrito mais antigo do que o apógrafo quinhentista. Em seu estudo³, a pesquisadora examina em pormenor o bifólio pertencente ao fundo NO – CNSTS 1 / 1 Liv. 12, cota I / 18 / 2 – Cx 2, do Arquivo Distrital do Porto⁴.

O ms. da Livraria 643 (L) conta 316 fólios de papel e mede 250 x 190 mm. O códice preserva, como já afirmamos, o único testemunho integral do texto português, resultante da tradução completa da *Estoire del Saint Graal* da *Post-Vulgata*. Trata-se de cópia de fins da primeira metade do século XVI, executada por volta de 1543 e organizada por Manuel Álvares, corregedor da Ilha de São Miguel. Baseia-se em manuscrito lavrado cerca de duzentos anos antes, em pergaminho e iluminado, adquirido pelo corregedor, conforme declara, de uma mulher muito idosa, em Riba d'Âncora, aldeia do Alto Minho. Esse manuscrito era originário de Astorga e datado de 1314, tendo sido feito por ordem do mestre-escola

1 Trata-se da única edição integral da obra publicada até hoje, por Henry Hare Carter, em 1967. V. bibliografia.

2 Para um esclarecedor panorama sobre essas questões, v. Carlos Pio, *O Lugar do Livro de José de Arimatéia na Tradição da Estoire del Saint Graal*.

3 Dias, 2003-06. (Citaremos assim resumidamente obras que constam da Bibliografia final).

4 No site Philobiblon (<http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon>), consta a seguinte cota para o fragmento: Carto\rio Notarial de Santo Tirso NOT/CNSTS01/001/0012 [capa].

João Sanches, como se depreende do cólofon cuidadosamente reproduzido no testemunho quinhentista. Conforme a data indica, trata-se de cópia não muito posterior à introdução da *Estoire* na Península Ibérica⁵.

O bifólio que contém o fragmento do *Arimatéia* (ST), conforme a descrição de Dias⁶, reveste um livro do notário João da Costa, de Santo Tirso, preservado no Arquivo Distrital do Porto. Tem suporte em pergaminho e mede 277 x 202 mm. Está escrito em tinta castanha em duas colunas, com número variável de linhas, entre 32 e 35. A letra é gótica cursiva e datável do fim do século XIII ou início do século XIV. A caligrafia é bem cuidada, embora apresente por vezes desalinho. Não são visíveis piques, vincos ou traços de justificação. O estado de legibilidade difere bastante entre os lados do bifólio, devido ao mau estado de conservação. Contém, no todo ou em parte, o texto dos capítulos 57, 58, 61, 62 e 63, segundo a divisão de L⁷.

O ciclo da *Post-Vulgata*, de que deriva a tradução ibérica, é uma reelaboração do ciclo da *Vulgata*⁸, composto por compilador anônimo entre 1230 e 1240, mas atribuído a Robert de Boron, o qual não foi preservado de forma completa em francês, tendo de ser reconstruído a partir de fragmentos dispersos e de traduções para o português e castelhano. O ciclo tem três partes: começa com uma versão da *Estoire del Saint Graal* semelhante à versão da *Vulgata*, seguindo-se a prosificação do *Merlin* com a sua *Suite* e, por fim, a *Queste del Saint Graal*, que traz acoplada a *Mort Artu*. Em português, conserva-se apenas um fragmento do *Merlim*, ao lado de textos completos, como o *Livro de José de Arimatéia*, tradução da *Estoire*, e a *Demanda do Santo Graal*, tradução da *Queste* da *Post-Vulgata*⁹. O texto português do *José de Arimatéia* encontra-se, portanto, na extremidade do ramo que provém da primeira parte da *Post-Vulgata*, a *Estoire*, com origem na *Vulgata*.

Quanto à relação entre os textos ibéricos e a tradição textual da *Estoire del Saint Graal*, buscamos fundamento na teoria de Fanni Bogdanow (1960), segundo a qual os manuscritos da *Estoire del Saint Graal* hoje existentes dividem-se em dois grandes grupos, caracterizados por diferentes redações do romance: uma versão curta e uma versão longa. Em ambas as redações, a ordem e o tratamento da matéria é idêntico; a diferença está, de modo geral, no maior número de detalhes descritivos apresentado pela redação longa. Dentre os testemunhos franceses, um pequeno grupo desenvolve redação mista, apresentando alternadamente desenvolvimentos ou omissões característicos de uma ou de outra redação. Um desses manuscritos é o n. 2427 da Biblioteca Municipal de Rennes (R), datável do século XIII. Trata-se do manuscrito atualmente considerado como o mais próximo da tradução ibérica e, portanto, de seu original, pois tanto esse manuscrito francês quanto o texto português começam com a versão breve e, na sequência, oscilam nos mesmos lugares, ocasionalmente com lições de versões diferentes. A partir dessas características redacionais

5 Para uma descrição mais detalhada do ms. 643, v. Sílvio de Almeida Toledo Neto, *Livro de José de Arimatéia* (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): *Camadas Linguísticas da Tradução Ibérica ao Traslado Quinhentista*.

6 Dias, 2003-06, pp. 9-10.

7 Conforme os títulos dos referidos capítulos no ms. 643, podemos perceber, de forma geral, o conteúdo do fragmento. Respectivamente: *De como el-rei Evalac perguntou a Josefes por a visão que vira antes que fosse a batalha* (cap. 57); *Da visão que el-rei Mordão vio e do que passou com Nascimento* (cap. 58); *De como se chamava a pena onde el-rei Mordão foi levado por Deos e do que nela aconteceu a Pompeio* (cap. 61); *De como el-rei Mordaim, estando na pena, vio ãa nao, donde saio um homem bom, e dos conselhos que lhe deu* (cap. 62); *De como uma dona veio a el-rei Mordaim a pena donde estava, e do que com ela passou* (cap. 63).

8 A *Vulgata* é um monumental ciclo anônimo de romances arturianos, composto entre cerca de 1215 e 1235, que se desenvolveu a partir da expansão do esquema coerente elaborado por Robert de Boron. Em sua forma final, a *Vulgata* comporta cinco ramos distintos, de extensão desigual. O primeiro ramo é a *Estoire del Saint Graal*, versão elaborada e muito expandida do *Joseph* de Robert de Boron. O segundo ramo compõe-se da *Estoire de Merlin*, que é uma prosificação do *Merlin* de Robert de Boron, seguida por uma continuação conhecida como *Suite du Merlin Vulgate*. O terceiro ramo é o *Lancelot en prose*, romance que corresponde a metade de todo o ciclo da *Vulgata*. O quarto ramo intitula-se *Queste del Saint Graal* e o quinto e último ramo é a *Mort le Roi Artu*.

9 Para um quadro mais amplo dos testemunhos arturianos na Península Ibérica, v. Heitor Megale, “Textos Arturianos Portugueses e Galegos”, In: *O Mestre*, São Paulo, Green Forest do Brasil, 1997, pp. 239-249.

comuns, Bogdanow¹⁰ afirma que a sua existência só pode ter uma de duas explicações: ou são resultado de contaminação por fontes de ambas as redações em um antepassado comum, ou representam o arquétipo do qual as outras duas redações derivam.

O parentesco entre os mss. de Rennes e de Lisboa fica mais claro no estema proposto por Castro¹¹ para a tradição manuscrita da *Estoire*, no qual propõe que um manuscrito francês f, conjecturado, foi traduzido para um manuscrito O, conjecturado, do qual descendem as linhagens portuguesa e castelhana. O sub-arquétipo de f, denominado d, é o mesmo de onde descende o ms. de Rennes. Segundo o autor, os mss. de Rennes e de Lisboa devem remontar a um sub-arquétipo que ocupa elevado lugar na tradição francesa, como corroboram as circunstâncias da estadia de Afonso III na França e a identidade do frade Joam Vivas¹².

Ainda quanto à tradição do testemunho português, Pio (2003) submete os mss. de Rennes e de Lisboa a um minucioso confronto, a partir do qual procura rever as hipóteses sugeridas por Bogdanow referentes às relações entre os dois testemunhos. Conforme o autor, os manuscritos coincidem nas opções por segmentos da redação longa ou breve, mas há casos em que os textos apresentam leituras exclusivas. O afastamento entre os mss. de Rennes e de Lisboa evidencia-se na variação redacional e em leituras divergentes.

Para além da hipótese de parentesco entre os mss. L e R, foi proposta por Castro¹³ a relação entre o ms. de Lisboa e a versão impressa de Paris (P), datada de 1516¹⁴, pois várias vezes coincidem nas escolhas que fazem. Os testemunhos remontariam a um mesmo sub-arquétipo da tradição francesa.

Ora, tanto a publicação do fragmento ST quanto a proposta de relação entre os testemunhos P e L levantam questões que indicam a necessidade de se reformular o estema a que pertence o *Livro de José de Arimatéia*. O presente trabalho visa a contribuir – de forma pontual – com essa reflexão, examinando lugares concordantes, lugares de variação redacional e casos em que há falta de coincidência entre os testemunhos L e ST e de ambos em relação a P. Para tanto, selecionamos um conjunto de exemplos que analisamos a seguir. No item 2, examinamos exemplos da colação restrita entre os testemunhos portugueses e, no item 3, apresentamos os mesmos lugares textuais em confronto com o testemunho francês.

2. COLAÇÃO ENTRE ST E L¹⁵

No presente item, ilustramos as relações entre os manuscritos ST e L. Da totalidade de casos levantados a partir da colação entre os testemunhos, escolhemos exemplos que se enquadram nos três conjuntos acima referidos. Começamos por apresentar casos em que as redações de ST e L são coincidentes. Como se vê no exemplo 1, a concordância pode ser mais rigorosa, apenas com a modernização

10 1960, p. 347.

11 1984, p. 393.

12 Cf. Ivo Castro, “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata”, *Boletim de Filologia*, XXVIII, 81-98, 1983.

13 1988, p. 203.

14 Trata-se de *L'Histoire du Sainct Graal*, Paris, 1516. Consultamos o fac-símile na edição de C. E. Pickford, London, Scholar Press, 1978. O testemunho francês é um impresso publicado em Paris, no ano de 1516. O livro de dois volumes contém três romances franceses que têm o Santo Graal como tema principal. Somente o primeiro livro pode ser chamado propriamente de *História do Santo Graal*, e ocupa o primeiro volume (fólios 1 a 116). Trata-se da *editio princeps* do romance. Foi publicado por Jehan Petit, Galliot du Pré e Michel le Noir.

15 As transcrições seguem a edição de Dias (2003-06) para ST e a de Castro (1984) para L, que foi parcialmente publicada em sua tese de doutoramento. Além da consulta às edições, os fac-símiles dos manuscritos também foram rigorosamente compulsados para este estudo. A localização no manuscrito do trecho citado é indicada entre parênteses: número do fólio e da coluna. Parte das passagens que abrangem exemplos aqui examinados, embora com outro recorte, são confrontados minuciosamente por Aida Fernanda Dias, “A Matéria da Bretanha em Portugal: Relevância de um Fragmento Pergamináceo”, pp. 14-38) com diferentes testemunhos franceses da redação curta e longa, e com Rennes.

linguística. No caso dos exemplos 2 e 3, embora as redações apresentem alto grau de coincidência, já apresentam maior variância. Evidenciam-no as lições *E ele, quando a ssarraua* a par de *que, quando a ele cerrava*, no exemplo 2, e *despoys que a jmage ffoy queymada* frente a *depois que a imagem se queimou*, no exemplo 3. As lições unânimes entre os testemunhos, com pequena variância, podem indicar a proveniência de ST e L de um antecedente comum, ora perdido.

(1)

ST	L
E quando o ffoyo ffecto [*m]ãdou que nẽhũ nõ ffose cõ ele senom Nascyam e a rraynha e Josephes (1r, c.1)	E, quando o fogo foi feito, mandou que num nom fosse com ele, senam Nascimento e a rainha e <i>Josefes</i> . (81v)

(2)

ST	L
E ele, quando a ssarraua, caya hũu engenho per dentro que a sarraua. (1r, c.1)	que, quando a ele cerrava, caía um engenho por de dentro, que a cerrava. (81v)

(3)

ST	L
Quando ffoyo en outro dya, despoys que a jmage ffoy queymada, espydyusse . Josephes . a el-rrey e à rreynha, e a Nascyam e partyuse de Sarrays. (1r, c.1, c.2)	quando foi ao outro dia depois que a imagem se queimou, despedio-se Josefes del-rei e da rainha e de Nascimento, e partio-se de Sarrat. (82r)

Se podemos encontrar lugares de coincidência entre ST e L, há outros lugares em que os testemunhos se distanciam em maior ou menor grau. No exemplo 4 abaixo, a redação de L é mais longa que a de ST.

(4)

ST	L
E por esto nẽgũa nõno podya entender. (1r, c. 1)	e por esto nom se podia entender por onde se fechava , (81v)

A redação mais longa em L será um caso de alteração terminal, devido à modernização linguística por que passa o testemunho. Embora nesse exemplo ST apresente redação mais curta, há também casos em que a sua redação é mais longa¹⁶. De um modo geral, porém, parece que os testemunhos portugueses não apresentam muitos casos de variação quanto ao aspecto da extensão redacional.

Para além dos casos até agora apresentados, em que os testemunhos parecem caminhar lado a lado sem grande variação, ocorrem casos pontuais em que não coincidem as lições de ST e L.

¹⁶ Por exemplo, na passagem seguinte: ST: E despoys daua d'ũu malho **ssua sarradura**, ho crauo eergyasse (1r, c.1); a par de L: e depois dava com ãu malho no cravo e erguia-se o engenho (81v).

(5)

ST	L
E ffezeralhe hũa camara [] grã jdo[.] que bem coydo[*u] que hũa cou[*ssa] terreal lhe podese achar porta . (1r, c.1)	E fez-lhe ã camara por tal sotileza que bem cuidava que nhũa cousa terreal lhe pudesse achar par . (81v)

A lição de ST refere-se à porta da câmara, que ninguém poderia achar. Em L, a câmara é tão sutilmente lavrada que nada de terrestre se lhe pode comparar. O desacordo pode decorrer de leitura errônea em L. Referência de Dias¹⁷ a testemunhos franceses corrobora ser exclusiva a lição de L.

(6)

ST	L
Entõ mãd-[*ou] el-rrey fazer hũu grã ffoço eno paço (1r, c.1)	Quando el-rei isto ouviu, mandou fazer ũa gram fogueira no paço, (81v)

O exemplo apresenta lições coincidentes, a não ser por ST referir-se a fogo e L a fogueira. Trata-se de um caso de variância entre sinônimos¹⁸, normal em textos medievais. Mas a lição de ST não é exclusiva do português, como fica evidente na colação com P.

(7)

ST	L
metya aquel crauo moy ssotylmente per antre as portas , ca as paredes e as portas eram pyntadas dessũu. (1r, c. 1)	metia um prego delgado por antre as cores, <i>porque</i> as paredes e as portas <i>juntamente</i> eram pintadas, (81v)

Nesse passo, as redações divergem. Na descrição do mecanismo de abertura da câmara, ST declara que o cravo era colocado entre as portas, enquanto L refere-se a um prego que era colocado por entre as cores. A repetição de portas em ST pode indicar erro de cópia do escriba.

(8)

ST	L
ca el nõ coydaua que iamays ende o sseu coraçom dela podesse partyr . (1r, c.1)	que ele nom cuidava que jamais em seu coraçom podesse entrar . (81v)

Há diversos casos de variação entre ST e L que têm como causa a modernização linguística pela qual passou L. Este passo parece apresentar redações contraditórias. A variação parece estar relacionada com o emprego da preposição *em* a par do anafórico *ende* que, segundo Lorenzo¹⁹, “es palabra de gran uso hasta el s. XV”. Já seria forma sentida como arcaísmo pelo escriba de L e a sua substituição teria provocado a reformulação do texto.

17 203-06, p. 17.

18 V. Ramón Lorenzo, *La Traduccion Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, 1977 s.v. *fogo, fogueyra*.

19 1977, s.v. *ende*.

(9)

ST	L
assy que nêgũu nõ podya dele fazer ffala. (1r, c.2)	assi que ninguem podia dele tirar fala. (82r)

Mordaim deita pesaroso em seu leito, sem que ninguém o fizesse falar. A variação entre ST e L não é, no entanto, livre, mas estará condicionada, ao menos no caso de L, pelo modelo, como indica adiante a colação com o testemunho P.

(10)

ST	L
ca ele era o rrey do mũdo que m<a>ys dultaua, ca ssempre ffora brauo . (1r, c.2)	que ele era o homem do mundo que ela mais duvidava, <i>porque</i> sempre fora cruel . (82v)

A rainha não ousa perguntar ao rei por que chorava, por temê-lo devido ao seu mau temperamento. A lição de ST refere que Mordaim era o rei do mundo que a rainha mais temia, enquanto L faz afirmação mais ampla, referindo-se a *homem do mundo*. Assim como no passo anterior, ao menos a escolha de L (*cruel*) encontra fundamento na tradição francesa.

(11)

ST	L
Mvyto esteue el-rrey naquela pena atá que catou a sseestro cõtra galerna (2v, c.2)	Muito esteve el-rei em seu cular e tanto, ata que oulhou contra Salerna , a mão esquerda, (94r)

Em ST, há referência à penha em que se encontra o rei Mordaim, que olha à esquerda para galerna²⁰. A lição de L varia ao afirmar que Mordaim esteve pensando antes de olhar para Salerna. No caso de *Salerna*, pode-se propor que resultaria *delectio faciliior* de *galerna*.

Para além de variação no plano da substância, ocorre ampla variação no plano da forma, devida à diferença temporal e à declarada iniciativa de modernização do texto, que consta no intróito do testemunho L, embora realizada em diferentes níveis, a depender do escriba²¹. O contraste entre testemunhos indica vestígios do que Segre²² define como diassistema, segundo ele “il sistema linguistico di ogni trascrizione di un testo”²³. Para além de *ende*, já mencionado, são exemplos de variação linguística o *ca* (< lat. *quia*), recorrente nas coordenadas explicativas de ST. Em L, é substituído por *porque* ou *que*. A forma verbal *dultaua*, flexão de *dultar*, de extenso uso entre os séculos XIII e XIV. Em L, está a forma concorrente *duvidava*, que se impõe a partir do século XV, e que, até o período clássico, tem a acepção de “temer”²⁴.

20 Sobre a acepção de *galerna*, v. Aida Fernanda Dias, *op.cit.*, p. 32.

21 No fólio 1v, declara o corregedor, em relação ao modelo, que “nom mudei senam os vocabulos ininteligiveis, que os que se podem entender na antiguidade daquele tempo os leixei ir”.

22 2010, p. 13.

23 Cesare Segre, “Problemi Teorici e Pratici della Critica Testuale”, *Verba*, an. 67, 11-23, 2010.

24 Lorenzo, 1977, s.v. *duuidar*. Para mais exemplos de variação linguística entre ST e L. cf. Aida Fernanda Dias, *op. cit.*, pp. 11-14.

3. COLAÇÃO COM P

Neste item, os exemplos examinados no item 2 são colacionados com o testemunho P, a fim de verificar, nesses casos, a proximidade ou falta de coincidência entre os testemunhos portugueses e o testemunho francês²⁵.

(12)

P	ST	L
et puis quāt il fut moult bien alume si commāda a ses gēs quilz sen allassent hors tous/ fors iosephus nasciē <i>et la royne</i> : (37v, c.2)	E quando o ffogo ffoy fecto [*m] ādou que nēhūu nō ffose cō ele senom Nascyam e a rraynha e Josephes	E, quando o fogo foi feito, mandou que nhum nom fosse com ele, senam Nascimento e a rainha e <i>Josefes</i> .

(13)

P	ST	L
apres se partit de sarras <i>et print conge du roy et de nasciens</i> (38r, c.1)	Quando ffoy en outro dya, despoys que a jimagem ffoy queymada, espydyusse . Josephes . a el-rrey e à rreynha, e a Nascyam e partyuse de Sarrays.	quando foi ao outro dia depois que a imagem se queimou, despedio-se Josefes del-rei e da rainha e de Nascimento, e partio-se de Sarrat.

Em ambos os casos acima há variação redacional que distancia P de ST e L com maior ou menor grau. Em 12, P apresenta discordância redacional, enquanto que em 13, os testemunhos portugueses são mais extensos. No primeiro exemplo, há variação entre *moult bien alume* e *fecto / feito*. Da mesma forma, varia P em relação aos testemunhos portugueses na lição *a ses gēs quilz sen allassent hors tous*, frente a *que nēhūu nō ffose cō ele / que nhum nom fosse com ele*. No segundo exemplo, evidencia-se a variação a partir do maior detalhamento da partida de Josefes nos testemunhos portugueses.

(14)

P	ST	L
que nul neust iamais aperceu / (37v, c.2)	E por esto nēgūa nōno podya entender..	e por esto nom se podia entender por onde se fechava,

Há, no exemplo, grande proximidade redacional entre o francês e o português, principalmente com ST, considerada a variação entre os verbos *aperceu* (*apercevoir*) e *entender*, sinônimos. A par de lugares concordantes, há em P extensas passagens inexistentes nos testemunhos portugueses, por exemplo, quando se trata do mecanismo de abertura e fechamento da câmara²⁶.

Os exemplos a seguir apresentam casos mais pontuais de variação, que ora contêm lições exclusivas de P, ora aproximam o testemunho francês de um dos testemunhos portugueses.

25 A transcrição de P é feita a partir do exemplar. Seguimos critérios semidiplomáticos, preservando a grafia e a pontuação originais. Não se assinala o lineamento original, uniformizam-se os alógrafos e desdobram-se as abreviaturas.

26 Cf. nos fôlios 37 e 38 do testemunho P.

(15)

P	ST	L
mais auoit faict le roy vng huys de fer si secret quil cuydoit que iamais homme mortel ne sen peult aperceur (37v, c.2)	E ffezeralhe hũa camara [] grã jdo[.] que bem coydo[*u] que hũa cou[*ssa] terreal lhe podese achar porta .	E fez-lhe ũa camara por tal sotleza que bem cuidava que nhũa cousa terreal lhe pudesse achar par .

Neste passo, P está distante de ST e L. Enquanto o testemunho francês se refere a uma porta de ferro que nenhum mortal poderia perceber, os testemunhos portugueses referem-se a uma câmara. Os testemunhos P e ST aproximam-se ao explicar que a porta da câmara não podia ser percebida, enquanto que L, como já afirmamos, refere-se à incomparável sutileza da câmara.

Neste passo, P está distante de ST e L. Enquanto o testemunho francês se refere a uma porta de ferro que nenhum mortal poderia perceber, os testemunhos portugueses referem-se a uma câmara. Os testemunhos P e ST aproximam-se ao explicar que a porta da câmara não podia ser percebida, enquanto que L, como já afirmamos, refere-se à incomparável sutileza da câmara.

(16)

P	ST	L
aussi tost comme le roy le touchoit si cheut par dedans vng engin dune barre qui louurit / (37v, c.2)	E ele, quando a ssarraua , caya hũu engenho per dentro que a sarraua .	que, quando a ele cerrava , caía um engenho por de dentro, que a cerrava

Há divergência entre as lições de ST e L frente à de P: o testemunho francês explica que a porta se abria quando era tocada, enquanto ST e L referem-se ao fechamento da porta. No caso dos testemunhos portugueses, a repetição de *sarraua* / *cerrava* pode derivar de uma substituição por atração de palavra igual na mesma perícope. Por ser recorrente em ST e L, poderia remeter a um antepassado comum, que já contivesse essa lição.

No exemplo 17, P identifica-se com ST, distanciando-se de L. Mesmo que a variação ocorra entre sinônimos, a lição de L será uma adaptação à linguagem quinhentista.

(17)

P	ST	L
Lors commanda a faire vng grant feu au meilleu du pallays / (37v, c.2)	Entõ mãd-[*ou] el-rrey fazer hũu grã ffoço eno paaço	Quando el-rei isto ouvio, mandou fazer ũa gram fogueira no paço,

No exemplo 18, os três testemunhos divergem em vários aspectos. Interessa ressaltar a referência a cores em P e em L, a qual não ocorre em ST. Seria talvez uma evidência, entre outras, de que L não poderia descender de ST e também da existência de lições coincidentes exclusivas entre P e L.

(18)

P	ST	L
si auoit vng fil de fer a me- rueilles menu et des quille boutoit par entre la ioincture des couleurs (37v, c.2)	metya aquel crauo moy ssotylmente per entre as portas , ca as paredes e as portas eram pyntadas dessũu	metia um prego delgado por entre as cores , porque as paredes e as portas juntamente eram pintadas,

Nos dois exemplos seguintes, há um caso de identidade entre P e ST, no exemplo 19, e de identidade entre P e L, no exemplo 20. No primeiro passo, a variação de L relaciona-se com a adaptação linguística do texto, como já foi referido. No segundo caso, a coincidência entre P e L reforça a hipótese de parentesco próximo entre os testemunhos.

(19)

P	ST	L
car il ne cuydoit mye que iamais son cueur en peust estre oste pour nulle riens (37v, c.2, 38r, c.1)	ca el nõ coydaua que iamays ende o sseu coração dela podesse partyr.	que ele nom cuidava que jamais em seu coração podesse entrar.

(20)

P	ST	L
si quil nestoit nul qui peust de luy tirer parole. (38r, c.1)	assy que nẽgũu nõ podya dele fazer ffala.	assi que ninguem podia dele tirar fala.

Nos dois últimos exemplos selecionados, o testemunho P apresenta lições concordantes com L. No exemplo 21, aproxima-se o testemunho francês de L, embora o primeiro tenha uma redação mais longa, ambos caracterizando o rei Mordaim como cruel. Em ST, declara-se que a rainha temia o rei por ser bravo. Outros testemunhos franceses examinados por Dias²⁷ também trazem nesse ponto variantes gráficas de *cruel*, reforçando a lição de ST como exclusiva.

(21)

P	ST	L
car il auoit este moult fel et cruel <i>et elle doubtoit moult son maltalent</i> / (38r, c.2)	ca ele era o rrey do mũdo que m<a>ys dultaua, ca ssempre ffora brauo.	que ele era o homem do mundo que ela mais duvidava, porque sempre fora cruel

No exemplo 22, concordam P e L em *pensee / cuidar*, divergindo de ST. Os testemunhos franceses examinados por Dias²⁸ identificam-se nesse lugar com P e com L. Dada a recorrência, podemos supor que a lição de ST poderia derivar de leitura errônea de *pensee* em uma de suas variantes, ou seria opção

27 2003-06, p. 20.

28 *Idem*, p. 32.

exclusiva do escriba. Já no próximo passo, ST concorda com P em *galerne* / *galerna*, a par de L, com *Salerna*.

(22)

P	ST	L
Moult demoura le Roy en : ceste pensee / aduint quil regarda a la partie senestre vers galerne : (43v, c.1)	Mvyto esteue el-rrey naquela pena atá que catou a sseestro cõtra galerna	Muito esteve el-rei em seu cudar e tanto, ata que oulhou contra Salerna , a mão esquerda,

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos descritos, embora restritos, considerada a extensão da obra, permitem verificar ora coincidência redacional, ora a variação redacional, ora falta de coincidência entre os testemunhos. Quanto à colação restrita entre ST e L, um ponto importante para a questão da estemática são os casos de lição exclusiva de ST. Nos casos em que ocorre, L é que sempre se aproxima do testemunho francês. A colação com P corrobora a ocorrência de quatro lições em que P se identifica com L²⁹. Há coincidência exclusiva de P com ST quando L se encontra linguisticamente atualizado para o século XVI. A identidade redacional entre ST e L pode indicar que derivam de um antecedente comum, hipótese que precisará ser estudada mais detidamente. Os lugares concordantes exclusivos entre P e L seriam fortes indícios para a hipótese de consanguinidade, que remeteria a um mesmo sub-arquétipo da tradição francesa.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- BOGDANOW, Fanni. “The Relationship of the Portuguese Josep Abarimatia to the Extant French MSS. of the *Estoire del Saint Graal*”. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, (76): 343-375, 1960.
- CARTER, Henry Hare. *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea: Paleographical Edition with Introduction, Linguistic Study, Notes, Plates, & Glossary*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967.
- CASTRO, Ivo. *Livro de José de Arimatéia: Estudo e Edição do Cod. ANTT 643*. Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1984 (Tese, Concurso para Professor Doutor de Linguística Portuguesa).
- CASTRO, Ivo. “Remarques sur la tradition manuscrite de l’*Estoire del Saint Graal*”. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1988, pp. 195-206.
- DIAS, Aida Fernanda. “A Matéria da Bretanha em Portugal: Relevância de um Fragmento Pergamináceo”. *Revista Portuguesa de Filologia (Miscelânea Herculano de Carvalho)*, vol. XXX, t. 1, 145-221, 2003-2006.
- LORENZO, Ramón. *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*. Orense, Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”, 1977.
- NEVES, Leonor Curado *et alii* (Coord.). *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa, Edições Colibri, 2002.
- PIO, Carlos. *O Lugar do Livro de José de Arimatéia na Tradição da Estoire del Saint Graal*. Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 2003 (Dissertação, Concurso para Professor Mestre de Literaturas Românicas).

²⁹ Para além dos exemplos apresentados, P e L coincidem por apresentarem capítulos, embora com diferentes divisões e títulos, enquanto que ST traz um texto contínuo.

PONCEAU, Jean-Paul. *L'Estoire del Saint Graal*. Paris, Editions Honoré Champion, 1997.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. *Livro de José de Arimatéia (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): Camadas Linguísticas da Tradução Ibérica ao Traslado Quinhentista*. São Paulo, FFLCH, USP, 2001 (Tese, Concurso para Professor Doutor de Filologia e Língua Portuguesa).

RESUMO: O presente trabalho apresenta exemplos da colação restrita entre os dois testemunhos portugueses do *Livro de José de Arimatéia*, os quais são em seguida confrontados com a edição da *Estoire del Saint Graal* de 1516. O propósito é apresentar e comentar exemplos de lugares concordantes, lugares de variação redacional e casos de falta de coincidência entre os testemunhos. Os indícios apontados podem contribuir para a reflexão sobre o *stemma codicum* do ramo ibérico, frente a novos dados e hipóteses atualmente em discussão.

Palavras-chave: *Materia de Bretanha – Post-Vulgata – Crítica Textual – Colação -Estemática.*

ABSTRACT: The purpose of this essay is to present examples of strict collation between portuguese witnesses of the *Livro de José de Arimatéia* and examples of the collation of both with the first edition of the *Estoire del Saint Graal*. We intend to show textual concordance, variance and divergence. These evidences could contribute to the reflexion upon the *stemma codicum* of the iberian branch, considering new date and hypothesis in discussion.

Key-words: *Matter of Britain – Post-Vulgata – critic of text – collation – stemmatic*